

# ARTES E ARTISTAS

## PIRANDELLO, PELO STABILE DE TORINO, INAUGURANDO, EM SANTOS, A TEMPORADA

Inaugurou o "Stabile di Torino" sua temporada teatral no Brasil, com o espetáculo de terça-feira em Santos, no Teatro Independência.

Nove anos de experiência do teatrólogo Luigi Pirandello colocaram sua produção na conceitual de "L'uomo, la bestia e la virtù", estreada em Milão a 2 de maio de 1919, dois anos, precisamente, antes da máxima ruptura que representa, no teatro moderno mundial, "Sei personaggi in cerca d'autore". Esse dado cronológico

seria necessário para um conhecimento da exata colocação da peça que vimos, terça-feira, no Teatro Independência, peça que para muitos está fora da legenda de Pirandello — pois a legenda partiu daquela representação ("Sei personaggi"), em maio de 1921. Mas, se "L'uomo, la bestia e la virtù" se acha fora do quadro mais ou menos arbitrário que, geralmente, se tem, da dramaturgia pirandelliana, não é menos certo que essa comédia pertence ao período de amadurecimento do autor, já aos

52 anos de idade, e já preparado para atingir a maior altitude de seu século no teatro italiano, que a década de 20 lhe iria franquear.

Em um anedotário tão rico quanto o que cerca a vida de Pirandello, não vem menos a propósito lembrar que o menino siciliano, tendo iniciado seus estudos elementares e secundários em Girgenti, onde nasceu, e depois em Palermo, deu com um professor que, a seu respeito, teria emitido o juízo inapelável: "Esse menino é um tanto tardo" — professor que seria em sua peça, "L'uomo, la bestia e la virtù", retratado no pitoresco professor Paolino ("o Homem"), esse honrado vizinho que confortara a senhora Perella ("a Virtude"), durante a ausência do marido, o capitão Perella ("a Besta"), e que se apresta em concertar a situação fazendo preparar um bolo afrodisíaco, que é a chave da comédia.

Pirandello situou a sua comédia não no realismo, nem na concepção do teatro contemporâneo — levanta-a do pó dos velhos apólogos, arma-a na antiguidade, e precipita o seu desfecho na incisão do teatro moderno; vem de Plauto ou da Renascença boccacciana, mas é um precipitado no século XX, já antecipando, com sua psicologia completada, o teatrólogo de "Sei personaggi". A solidão da vida transparece no diálogo...

Para um teatro cujo recurso cômico participa do grotesco, como nessa peça, o elenco do Stabile di Torino deu uma demonstração de notável homogeneidade, na interpretação, embora a adaptação do cenário ao palco reduzido do Teatro implicasse em certa restrição.

E' necessário observar que o conjunto do Stabile possui um nível a que não estamos acostumados, que a sua arte de representar parte de uma dicção cultivada, esmerada, mas adequada às situações a tal ponto que não há modulação que nos deixe perder os acentos e a flexibilidade prosódica em discurso no palco.

Por outro lado, naquela participação do grotesco, os intérpretes jogaram com uma gesticulação que a muitos causou espécie — mas, em nosso entender, trata-se de um desconhecimento das necessidades expressivas que a peça e os personagens trazem consigo, e que se enquadram dentro do espírito pirandelliano. Repetimos que não se deve considerar Pirandello, de maneira alguma, em qualquer tempo, um realista. Seu teatro está em disponibilidade aberta para o logo extravagante.

Sentindo-se à vontade na interpretação, os atores se movem com plena segurança, e cada um dos elementos, mesmo aqueles que tenham a seu encargo os menores papéis, contribuem para essa unidade impressionante, realizadora de uma inteira e infiltradora comunicabilidade.

Renzo Giovampietro, "o professor Paolino", pela sua predominância na peça, foi a maior figura, não cabendo destacar os demais (no papel de Nonô, Ivana Erbeta teve, contudo, uma inteligente e sensível interpretação, vencendo todas as dificuldades).

Um grande elenco nos deu este Pirandello, do início da temporada no Brasil.

PATRICIA GALVAO

A TRIBUNA — Sexta-feira, 9-9-1960 -